

ECO. Umberto. *Il Cimitero di Praga*. Milano, Bompiani, 2010

O livro de Umberto Eco, filósofo e literato italiano, *O Nome da Rosa*, publicado em 1980, narra que Guilherme de Baskerville, um franciscano, discípulo de Roger Bacon- e seu aprendiz - Adso de Melk, frei e amigo de Guilherme de Occam - chegam a um convento nos Alpes. Como pano de fundo o enredo gira em torno da explicação das mortes que ocorriam naquele convento. No entanto, o verdadeiro objetivo era discutir os métodos científicos da indução e dedução. Mais tarde, o romance foi levado também às telas.

Agora, Humberto Eco nos brinda com outro romance: *O Cemitério de Praga*. Ainda não foi traduzido para o português, embora se saiba que a Record adquiriu os direitos autorais da língua portuguesa. Este romance, em forma de diário, é narrado através de um personagem com dupla personalidade. Nele, cada personalidade escreve alternadamente, como se fossem duas pessoas distintas, cada um narrando os acontecimentos dos quais foi protagonista.

O romance prende o leitor do início ao fim. O período em que se desenrola é o final do século XIX e a história se passa em Turim e Palermo, na Itália, e Paris, na França. No início é bastante cômico, devido às definições dadas aos padres, povos e organizações. Os jesuítas são chamados de maçons vestidos de mulher, os judeus devoradores de crianças cristãs, os maçons continuadores dos templários e decididos a acabarem com os hebreus, os cristãos e a monarquia. Os comunistas são identificados como conspiradores e sabotadores.

Após esta parte hilariante, o romance toma um rumo amedrontador, cheio de atentados e assassinatos. A parte final é tenebrosa. Há uma trama generalizada. Um abade morre duas vezes, cadáveres são enterrados nos pátios das casas ou bóiam no o rio Sena, navios explodidos em pleno mar mandando para os ares todos os tripulantes. Os jesuítas conspiram contra os maçons, estes estrangulam os padres com as próprias tripas. Personagens conspiram uns contra os outros. Vem a versão da Comuna de Paris descrita como um fiasco. A trama de serviços secretos envolve italianos, franceses, prussianos, russos, numa ação de espionagem e contra espionagem.

O centro da trama se refere a um documento falso, um “borderau”, sobre uma reunião de sábios judeus no antigo Cemitério de Praga. Consta que Hitler teria tido

conhecimento deste documento e, por causa disso, teria decidido exterminar os judeus nos campos de concentração. Foi um documento forjado a várias mãos, mas com o retoque final do personagem principal do livro, o tabelião falsário, capitão Simone Simonini. Surgiu um documento que teria havido uma reunião no cemitério hebreu de Praga. Chefes dos rabinos de várias partes da Europa firmam os Protocolos dos Sábios Anciãos de Sião. Nesses Protocolos estariam traçados os planos dos judeus para conquistarem o mundo e aniquilarem o cristianismo. Conforme o documento, à meia-noite, no Cemitério de Praga, chegaram doze indivíduos envoltos em mantos escuros, e uma voz, saindo do fundo de uma tumba, saudou-os como os doze Rosche-Bathe-Abboth, chefes das doze tribos de Israel, e cada um deles respondeu. “Saudamos-te, filho do condenado”. Daí, prosseguia a voz. “Passaram-se cem anos desde o nosso último encontro. Onde vindes e a quem representais?” E cada um se apresentou dizendo-se representante de Amsterdam, Toledo, Worms, Peste, Cracóvia, Roma, Lisboa, Paris, Constantinopla, Londres, Berlim e Praga. Após isso, cada uma das vozes proclamou as riquezas de sua localidade. Calculadas as riquezas, passa-se a descrever o plano para aniquilar os cristãos e apoderarem-se do mundo. Para tanto, seriam tomados os bancos, os meios de comunicação, a educação, as ciências e as artes. Enfim, o Plano do Cemitério de Praga seria um projeto para os judeus tornarem-se senhores de tudo o que houvesse sobre a terra.

O Cemitério de Praga tem umas lacunas que saltam à vista. Cenas longas e tautologias poderiam ser suprimidas e aproveitadas com discussões mais úteis como o confronto do liberalismo e do conservadorismo. Os católicos, na maior parte, se refugiaram sob o manto da Igreja e esta, acuada, fechou-se sobre si mesma. Os liberais organizaram-se em torno das Lojas maçônicas.

Os ataques liberais centravam-se, principalmente, na educação e na família, na maior parte sob o controle da Igreja. A Igreja, pelo controle que exercia sobre a família e a educação, através da religião das escolas, possuía grande influência ideológica sobre seus fiéis, os quais eram maioria na sociedade. Esta população tornava-se objeto de conquista dos liberais, pois precisavam do consentimento para se legitimar. Como estratégia, os liberais utilizavam a desmoralização da instituição Igreja. Esta procurava evidentemente defender-se. Como sua voz era cada vez menos influente perante as elites políticas, toma a

decisão de isolar-se do mundo político e fechar-se sobre si mesma. Passa, então, a levar uma vida paralela, tornou-se um Estado dentro de outro Estado. Esta estratégia não se mostrou nem eficiente, nem eficaz. Os ataques sempre se tornavam mais intensos e o descrédito político aumentava na mesma proporção. Este foi um confronto ideológico notável. O escritor apenas tangenciou a questão.

Outra questão que poderia ter sido debatida era a Questão Social. Umberto Eco tinha consciência disso, inclusive citou Leão XIII. Mas nada foi debatido. Com efeito, a Igreja católica, no final do século XIX, passa a preocupar-se também com questões sociais, evidentemente pela situação desoladora a que o capitalismo selvagem havia lançado os trabalhadores. Como primeira medida, condena tanto o capitalismo como o socialismo. Acena para o tradicional regime do amor na solução dos problemas sociais. Mas inova ou renova ao propor uma solução alternativa entre ambos, capitalismo e socialismo. A proposta não é original, pois provém de um modelo organizacional econômico-social medieval. Seria uma estrutura orgânica da sociedade, hierarquia natural, caridosa, sem antagonismos nem conflitos. Já nos primeiros documentos do Papa Leão XIII transparece esta idéia, como prega a Encíclica *Quod Apostolici muneris* na qual almeja sociedades artesanais e operárias, sob o manto religioso, contentes com sua sorte, levando uma vida submissa e sem contestações. Já a *Encíclica Rerum Novarum* pretende o conagraçamento entre patrões e empregados, aproximando operários e patrões.

Além das questões política e social, poderia ter ser mencionada a incubação dos partidos confessionais, os quais, após a segunda guerra mundial, desempenharão um papel proeminente na política europeia. As lutas operárias pelas conquistas sociais, o equilíbrio e desequilíbrio políticos entre as nações, seriam outras tantas questões que preocuparam a sociedade do final do século XIX.

Prof. Dr. Selvino Antonio Malfatti
(Instituto de Filosofia Luso-Brasileira – Lisboa - Portugal)
samatti@gpsnet.com.br

Data de registro: 10/12/2010

Data de aceite: 18/03/2011

Revista *Estudos Filosóficos* nº 6/2011 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967

<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>

DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG

Pág. 246-248